

A SEGUNDA VINDA DE

CRISTO

A SEGUNDA VINDA DE

CRISTO

ARREBATAMENTO E REINO MILENAR

SAMUEL ALEXANDRE MARTINS

1ª EDIÇÃO
SETEMBRO DE 2008

letras d' uro



TÍTULO A segunda vinda de Cristo

AUTOR Samuel Alexandre Martins

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

SETEMBRO DE 2008

Letras d'Ouro, editores

(Proprietário: Pedro Martins)

Rua Quinta da Flamância, N.º3 – 3.ºDt.º

Casal do Marco

2840 – 030 Aldeia de Paio Pires

Telefone: 210 878 323

livros@letrasdouro.com

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Publidisa, Publicaciones Digitales, SA

1.ª EDIÇÃO

DEPÓSITO LEGAL

ISBN 978-989-95349-9-5

PREPARAÇÃO DO ORIGINAL E EDIÇÃO

José Manuel Martins

CAPA E PAGINAÇÃO

Pedro Martins

REVISÃO

Cátia Matias Norinha

Os textos bíblicos foram transcritos da versão João Ferreira de Almeida, revista e corrigida, edição de 1995, SBB.

Os esquemas ilustrativos que constam desta obra são originais. Foram, no entanto, concebidos tendo como fonte de referência os que constam, sobre idêntico assunto, na Teologia Sistemática, de Wayne Grudem (n.ºs 1 a 4) e em Sem Medo da Tempestade, de Tim LaHaye (n.ºs 5 a 10), obras melhor identificadas na bibliografia que consta no final.

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

DEDICATÓRIA

Esta é a primeira vez que posso expressar, de forma pública e de certa maneira «eterna», o meu agradecimento à Igreja que pastoreio desde Outubro de 2006, a Assembleia de Deus Luso-Francesa na cidade de Paris, pela maneira carinhosa como nos recebeu e como tem cuidado de nós.

O amor dos irmãos tem-nos elevado a motivação e dado força para prosseguir diariamente no nosso ministério.

A nossa oração é que o Senhor, a cada dia, possa recompensar cada um dos que dela fazem parte e nos mantenha unidos no propósito de vivermos vidas que promovam o avivamento nesta cidade de Paris e nos demais lugares onde estamos presentes como Igreja do Senhor.

São, assim, os primeiros a quem dedico esta obra.

Dedico-a também a todos os colegas de ministério que, ligados fraternalmente às Assembleias de Deus em Portugal, se esforçam por levar o evangelho aos povos Lusófonos e a outros.

Deixo aqui o meu agradecimento à minha querida mulher que sempre tem sido estímulo e suporte na minha vida e ministério.

Que o nosso querido Jesus, a quem deve ser dada toda a glória, possa receber estas linhas como um tributo público à sua acção na minha vida.

A Deus toda a glória.

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

APRESENTAÇÃO

Este livro surgiu como resultado das Convenções de Obreiros das Assembleias de Deus em Portugal, realizadas em Novembro de 2007 e em Abril de 2008, nas quais os temas de reflexão teológica foram o Arrebatamento da Igreja do Senhor e o Milénio, respectivamente.

Ao preparar as minhas intervenções nessas Convenções, fui desenvolvendo a minha pesquisa teológica, que se tornou profícua demais, a meu ver, para se esgotar numa mera intervenção convencional.

Muitos dos obreiros presentes solicitaram, na altura, o material desenvolvido por mim, o que me animou a levar adiante o projecto de escrever um pequeno livro que abordasse os temas em questão.

Neste trabalho pretendo, acima de tudo, trazer mais alguma luz sobre as diferentes abordagens escatológicas ao evento, por muitos esperado, que é a manifestação de Jesus Cristo na sua segunda vinda.

Obviamente, os dois temas em destaque são a questão do reino milenar e do arrebatamento da Igreja.

Espero, por um lado, com sinceridade, que este trabalho possa constituir um contributo salutar para a reflexão de assuntos tão complexos como os que aqui estão em debate; por outro, não pretendo de forma alguma ser ofensivo para com os leitores que não têm deles a perspectiva que aqui sustento, antes que a leitura possa ser esclarecedora e, ao mesmo tempo, um desafio para um melhor aprofundamento dos temas.

O meu desejo é deixar à apreciação do leitor uma defesa afirmativa das minhas convicções Bíblicas, que são também, se bem avalio, as posições reafirmadas pelas Assembleias de Deus em Portugal e no Mundo.

Paris, Maio de 2008

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

INTRODUÇÃO

A escatologia é frequentemente desvirtuada. Ainda assim, é de fundamental importância para se obter uma cosmovisão bíblica inconfundível. Embora sejamos criaturas limitadas pelo tempo¹ e pelo espaço², Deus pôs a eternidade nos nossos corações³. Por isso, temos um interesse inato no que concerne ao futuro, o que na prática afecta também a nossa vivência no presente.

A preocupação com a escatologia tem tomado formas diferentes, consoante os grupos em que ela é abordada. Dentro dos círculos cristãos conservadores, relaciona-se com a ordem dos eventos ligados com a segunda vinda de Cristo.

Os conservadores atingiram um consenso acerca dos aspectos principais da escatologia já no início do século XX. No entanto, dentro desse esquema geral, onde existe consenso, existem múltiplas variações, que se centram, em primeiro lugar, na questão da existência ou não de um tempo milenar.⁴

Aos que respondem afirmativamente, dizendo que é inexorável que haja um tal período, é preciso esclarecer se Cristo virá no começo ou no fim dele.

[1] «O homem, nascido da mulher, é de bem poucos dias e cheio de inquietação. Sai como a flor e se seca; foge também como a sombra e não permanece. E sobre este tal abres os teus olhos, e a mim me fazes entrar em juízo contigo. (Quem do imundo tira o puro? Ninguém! Visto que os seus dias estão determinados, contigo está o número dos seus meses; e tu lhe puseste limites, e não passará além deles. Desvia-te dele, para que tenha repouso, até que, como jornaleiro, tenha contentamento no seu dia» (Jó 14:1-6).

[2] «e de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da Terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação» (Act. 17:26).

[3] «Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs o mundo no coração deles, sem que o homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim» (Ecl.3:11).

[4] Um reino terrestre de Jesus Cristo durante mil anos.

Entre os que acreditam que Jesus virá antes do começo do milénio, alguns entendem que a Igreja passará por um período de angústia severa, o chamado período da «Grande Tribulação»; outros acreditam que a Igreja será removida do Mundo ou «arrebatada» antes da tribulação. Estas duas posições e as designações respectivas foram resumidas por Erickson Millard, cujo contributo recolhemos, do seguinte modo: «Na teologia cristã, ao longo dos anos, tem havido discussão considerável acerca da relação cronológica entre a segunda vinda de Cristo e alguns outros elementos. Em particular, essa discussão tem girado em torno de dois assuntos principais:

– Haverá um milénio, um reinado terreno de Jesus Cristo e, caso sim, a segunda vinda ocorrerá antes ou depois desse reinado?

A ideia de que não haverá reinado terreno de Cristo é denominada amilenismo.

O ensino de que a volta de Cristo inaugurará um milénio é denominado pré-milenismo enquanto a crença de que a segunda vinda encerrará o milénio é o pós-milenismo.

– Cristo removerá a Igreja do mundo antes da grande tribulação (pré-tribulacionismo) ou ele só voltará após a tribulação (pós-tribulacionismo)?

Esta segunda pergunta é encontrada principalmente no pré-milenismo.»⁵

Nesta breve introdução deixamos um resumo das três diferentes posições em relação ao milénio:

O **pré-milenismo** sustenta-se na interpretação de que a segunda vinda de Cristo ocorrerá antes de seu reino literal de mil anos sobre a Terra.

Cristo, depois da sua intervenção vitoriosa na História, reinará pessoalmente a partir de seu trono em Jerusalém, gerando um tempo de paz, prosperidade e justiça.

Os pré-milenistas vêem a era actual como a era da Igreja, separada e nitidamente diferente de Israel no plano de Deus.⁶

[5] Erickson, Millard; Introdução à Teologia Sistemática; Edições Vida Nova; São Paulo; 1997; pág. 509

[6] Ice, Thomas; Entendendo o Dispensacionalismo; Edições Actual; Porto Alegre; 2004; pág. 10-11

No **amilenismo** há a perspectiva de que o reino milenar de Cristo iniciou-se com a sua ressurreição dentre os mortos e vai durar até ao momento da sua segunda vinda entre as nuvens, no final desta era.

Em nenhum momento Cristo reinará em Jerusalém sobre a Terra. Após a segunda vinda de Cristo, os crentes de todos os períodos da História entrarão no céu, logo depois do julgamento final e individual da humanidade inteira.⁷

Podemos definir o **pós-milenismo** como a perspectiva de que Cristo voltará no final de um longo período de justiça e prosperidade (o milénio).

Crêem os defensores desta posição que o Reino foi estabelecido por Cristo, na sua primeira vinda, o qual actualmente experimenta uma grande expansão ao ponto de que chegará o momento em que o Cristianismo terá aceitação da maior parte da população mundial. Com efeito, eles aguardam um período futuro durante o qual a verdade revelada será difundida pelo mundo inteiro e aceite pela grande maioria. A Era milenar será um tempo de paz, de prosperidade material, de glória espiritual e de longa duração, embora não seja necessariamente de mil anos exactos. Devido ao facto de ser estabelecido por meios actualmente operantes, o seu início é imperceptível. Alguns pós-milenistas preparam-se para um estabelecimento gradual do milénio; ao passo que outros se preparam para um começo repentino.⁸

À volta destas questões e doutras delas derivadas tem existido, nos últimos tempos, um animado debate.

Vamos tentar perceber qual a posição que, na nossa opinião, tem uma maior sustentabilidade Bíblica.

[7] Ice, Thomas; Entendendo o Dispensacionalismo; Edições Actual; Porto Alegre; 2004; pág. 11

[8] Ice, Thomas; Entendendo o Dispensacionalismo; Edições Actual; Porto Alegre; 2004; pág. 12

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Como já dissemos introdutoriamente, existem diferentes posições no que concerne à ideia do reino milenar e todas elas defendem, como é óbvio, a segunda vinda de Cristo a este mundo.

Na verdade, as Escrituras de forma clara apontam para esse evento futuro na História da humanidade, mas cada uma dessas posições tem uma resposta diferente acerca do momento em que esse evento se vai dar e das consequências que terá para a humanidade.

Toda esta discussão desenvolve-se em torno daquilo que chamamos o «quiliasmo», termo oriundo do grego, cujo significado é «mil», que se refere de forma geral à doutrina da era milenar ou do reino que ainda está para chegar e centra-se na crença de que Cristo vai voltar para reinar por mil anos.

A característica desta doutrina é que Ele retornará antes do início desse período de mil anos e consequentemente modelá-los-á com a sua presença e pelo exercício de sua justa autoridade, assegurando e sustentando na Terra todas as bênçãos destinadas para esse período.

Ao longo da história verificaram-se quatro grandes opiniões sobre a doutrina do segundo advento e consequentemente sobre o milénio:

- A posição não-litera! ou espiritualizada;⁹
- A posição pós-milenista;
- A posição amilenista;
- A posição pré-milenista.

[9] Esta posição nega que haverá um retorno literal, corpóreo e pessoal de Cristo à Terra, pois vê a vinda de Cristo cumprida no dia de Pentecostes, ou na morte do crente, ou na conversão, ou em qualquer outra transição na história ou experiência individual. A sua aceitação é reduzida e fora do Cristianismo verdadeiramente ortodoxo. Por esse motivo, não será analisada nesta obra.

Faremos a apresentação e discussão dessas opiniões nos capítulos seguintes.

É de aceitação geral que a Igreja nascente, e a dos séculos que se seguiram à liderança apostólica, tinha uma posição pré-milenista a respeito do retorno de Cristo, a qual foi aceite pelos líderes cristãos durante mais de duzentos e cinquenta anos e explanada durante tal período. Sabido é ainda que ela foi recebida não apenas nas partes orientais da Igreja por Papias (na Frígia), Justino (na Palestina), mas também por Irineu (na Gália), Nepo (no Egito); Apolinário, Metódio (no Oeste e no Sul), Cipriano, Vitorino (na Alemanha), Tertuliano (na África), Lactânio (na Itália) e Severo, e pelo Conselho de Niceia (323 d.C.).¹⁰

Uma conclusão pode ser já tirada: a História relata que a posição pré-milenista teve a aceitação universal da Igreja durante, pelo menos, duzentos e cinquenta anos, após a morte de Jesus Cristo. O autor Dwight Pentecost, na sua obra, refere que o ponto mais marcante da escatologia da era pré-nicena é a proeminência do quiliasmo, ou milenismo, que é a crença num reinado visível de Cristo em glória na Terra com os santos ressurrectos por mil anos, antes da ressurreição geral e do juízo. Essa doutrina da Igreja não foi incorporada num credo ou forma de devoção, sendo antes uma posição amplamente aceite por mestres ilustres nesse tempo.¹¹

Podemos observar claramente o que temos estado a defender nas declarações de Justino Mártir que, no seu diálogo com Trifo, escreveu: «Mas eu e qualquer um que somos em todos os aspectos cristãos decididos sabemos que haverá a ressurreição dos mortos e mil anos em Jerusalém, que será então construída, adornada e aumentada, como declararam os profetas Ezequiel e Isaías.» E, além disso, um certo homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, previu, por uma revelação que lhe foi feita, que os que cressem em nosso Cristo passariam mil anos em Jerusalém e, depois disso, ocorreria a ressurreição geral, ou, para dizer de modo abreviado, a eterna ressurreição e julgamento de todos os homens.¹²

[10] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 386

[11] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 387

[12] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 338

Bem como nas declarações de Ireneu, bispo de Lyon, que apresentou uma escatologia bem desenvolvida quando escreveu: «Mas quando esse anticristo tiver devastado todas as coisas neste mundo, ele reinará por três anos e seis meses e se sentará no templo em Jerusalém; então o Senhor virá do céu entre as nuvens, na glória do Pai, mandando esse homem e os que o seguiram para o lago de fogo; mas trazendo para os justos o tempo do reino, quer dizer, o descanso, o sagrado sétimo dia; restaurando a herança prometida a Abraão, na qual o Senhor declarou que “muitos vindos de leste e de oeste se sentarão com Abraão, Isaque e Jacó...”». Assim, a bênção prevista pertence sem dúvida à época do reino, quando os justos reinarão depois da sua ressurreição.¹³

Só a partir do terceiro século é que surgem as primeiras vozes dissonantes do pré-milenismo, muito devido à introdução do método de interpretação por espiritualização, apresentado por Orígenes, que levou ao abandono do método literal de interpretação das Escrituras sobre o qual repousava o pré-milenismo.

Orígenes desprezava o sentido literal e visível das palavras, e queria que se procurasse um sentido secreto, que repousava, escondido, num invólucro de palavras.

Um outro motivo que levou ao desaparecimento do pré-milenismo foi o surgimento de diferentes falsas doutrinas que mudaram o pensamento teológico; entre elas, estava o gnósticismo, o ascetismo e o docetismo.

Juntas, estas posições teológicas desferem golpes mortais na ortodoxia cristã: o gnosticismo, na busca da revelação suprema escondida e reservada só para alguns; o ascetismo, na sua visão de que a matéria em si é má e antagônica ao espírito; e o docetismo, que negava a realidade do corpo físico de Jesus, o que impedia que o mesmo viesse fisicamente estabelecer um reino literal na Terra.

Não podemos deixar de referir a união da Igreja com o Estado, debaixo da bênção de Constantino, como sendo o grande motivo da morte da expectativa milenar. Na verdade, «imediatamente após o triunfo de Constantino,

[13] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 389

os cristãos, que se livraram da opressão e da perseguição e se tornaram autoritários e prósperos, começaram a perder a sua expectativa activa da rápida vinda do Senhor e o conceito espiritual do seu reino, e passaram a contemplar a supremacia temporária do Cristianismo como cumprimento do reino prometido de Cristo na Terra. O império Romano, transformado num império cristão, deixou de ser considerado objecto de denúncia profética, mas o cenário de um desenvolvimento milenar (...).»¹⁴

Neste ambiente, surge uma personagem essencial para o desenvolvimento do amilenismo, Agostinho, pois é ele quem vai dar corpo doutrinário e teológico a essa orientação, embora Orígenes tenha estabelecido os fundamentos da mesma ao fixar o método não literal de interpretação.

Foi Agostinho quem sistematizou a visão não-literal do milénio no que agora conhecemos como amilenismo, como foram os seus escritos que levaram ao abandono do pré-milenismo pela grande maioria da Igreja, e foi também ele quem lançou a ideia de que a igreja visível era o reino de Deus na Terra: «Ele ensinou que o milénio deve ser interpretado espiritualmente como cumprido pela Igreja. Defendia que o aprisionamento de Satanás ocorreu durante o ministério terreno do nosso Senhor¹⁵, a primeira ressurreição é o novo nascimento do cristão¹⁶ e o milénio deve corresponder, consequentemente, ao período entre os adventos ou era da Igreja. (...) Agostinho naturalmente entendeu de modo literal os mil anos de Apocalipse, capítulo vigésimo, e esperava que a segunda vinda ocorresse no final daquele período.»¹⁷

Agostinho vai então moldar o pensamento cristão escatológico da época dentro de algumas balizas:

- Através da negação de que o milénio viria após a segunda vinda;
- Defendendo que o milénio decorreria entre a primeira e a segunda vinda de Cristo que a Igreja é o próprio reino e que por esse motivo não haveria um cumprimento literal das promessas feitas a Israel.

[14] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 392

[15] «E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu» (Luc. 18:10).

[16] «Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão» (João 5:25).

[17] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 394

Podemos então concluir que, com a ascensão do romanismo e a ideia de que ele próprio era o reino de Deus, isso levou ao quase desaparecimento do pré-milenismo. Na verdade, quando se fundou um sistema que decidira que o reinado dos santos já havia começado – que o bispo de Roma reinava na Terra, no lugar de Cristo; que a libertação da maldição só seria cumprida no terceiro céu; que na Igreja, como um reino, havia uma aristocracia, à qual se devia obedecer sem hesitação; que os anúncios proféticos a respeito do reino do Messias se cumpriam na predominância, esplendor e riqueza de Roma; que a recompensa e elevação dos santos não dependia da segunda vinda, mas do poder depositado no reino presente, etc. – foi então que o quiliasmo, tão desagradável e funesto para essas declarações e doutrinas, caiu sob a influência poderosa e penetrante exercida contra ele.¹⁸

Devemos, no entanto, sublinhar que apesar do domínio do amilenismo, permaneceram núcleos de crentes pré-milenistas, tais como os valdenses¹⁹, os paulicianos²⁰, os cátaros ou albigenses²¹, os lollardos²², os seguidores de John Wycliffe²³ e os protestantes boémios.

[18] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 395-396.

[19] A origem deste núcleo é atribuída a Pierre Valdo, comerciante e empresário em Lyon (França), que se converteu ao Evangelho em 1174, que vendeu todos os seus bens e se tornou pregador itinerante das Escrituras. Valdo patrocinou uma tradução da Bíblia, em linguagem popular. Os valdenses afirmavam que cada crente fiel devia ter uma Bíblia na sua própria língua, negavam a autoridade vinda de Roma, bem como a adoração a imagens de escultura; foram, por isso, duramente perseguidos pela Igreja Católica Romana tendo sido excomungados em 1184. O movimento dos Valdenses é considerado um dos movimentos da pré-reforma mais importantes.

[20] Não sabemos muito sobre este grupo cristão. O seu surgimento é atribuído à conversão de Constantino Silvano, em 635, o qual se tornou uma verdadeira testemunha de Jesus. Durante mais de 30 anos anunciou o Evangelho, em especial na Ásia Menor, até ser martirizado pela Igreja de Roma. A designação do movimento é atribuído ao grande apego que tinham aos escritos Paulinos. Nos seus ensinamentos incluíam a resistência à união da Igreja e do Estado, à adoração a imagens, ao culto mariano, bem como ao batismo de crianças.

[21] Trata-se de um Grupo cristão dos séculos XI e XII sobre o qual muito se tem especulado. Surgiu na França e foi assaz perseguido pela liderança papal, tendo milhares dos aderentes sido martirizados. Desejavam a volta a um Cristianismo mais puro e eram conhecidos por viverem com austeridade.

[22] Este Grupo cristão teve origem na Inglaterra no século XIV, de onde surgiu Wycliffe, e que fez a expansão e divulgação do trabalho deste grande pré-reformador.

[23] John Wycliffe nasceu na Inglaterra, em 1324, tendo estudado na universidade de Oxford onde se tornou também professor. Foi um dos pré-reformadores anunciando a grandeza da graça de Deus e a inutilidade das obras humanas para a salvação, pregando ao povo numa linguagem simples e acessível a todos. Fez a tradução das Escrituras para a linguagem do povo. Foi tido como herege pela igreja dominante mas, devido ao apoio do povo, pôde, com liberdade, anunciar o Evangelho.

A reforma deu nova ênfase à autoridade da Bíblia e à actividade do Deus vivo na História, o Deus que julgará a humanidade.

Entretanto, no que concerne à doutrina das últimas coisas, a atenção dos reformadores foi centralizada na glorificação dos crentes e houve pouca referência à consumação dos séculos e ao estado final, pelo que o amilenismo de uma forma geral foi aceite nas igrejas protestantes após a Reforma.

No período após a Reforma surgiu uma nova perspectiva milenar, o pós-milenismo, que veio a suplantar em grande parte o amilenismo na igreja protestante.

O primeiro a defender que Cristo voltaria depois do milénio para estabelecer o eterno estado foi Joaquim de Flora, um escritor católico romano do século XII, mas foi durante os séculos XVI e XVII que muitos na Holanda defenderam a opinião de que o milénio era futuro.

Podemos no entanto atribuir o pós-milenismo a Daniel Whitby: «As suas [Whitby] opiniões sobre o milénio provavelmente nunca teriam sido perpetuadas se não se tivessem encaixado tão bem no pensamento da época. A crescente maré de liberdade intelectual, da ciência e da filosofia, juntamente como o humanismo, tinham aumentado o conceito do progresso humano retratado num belo quadro futuro. (...) Ela ajustava-se aos pensamentos da época.»²⁴

Até ao fim do século XIX, o pós-milenismo foi bastante influente e motor de muitas alterações sociais, como a luta contra a escravatura, na ideia de preparar a sociedade para a era dourada que devia estar a ser instalada; mas, perante as consequências dramáticas das duas grandes guerras mundiais, o mesmo perdeu a sua força e tornou-se teologicamente pouco relevante.

Nos últimos anos, reapareceu um novo pós-milenismo, conhecido como a teologia do Reino ou do «Reino Agora», que defende a conquista pela Igreja dos lugares de domínio e autoridade na sociedade para que possa ela mesma implantar o reino e entregá-lo a Cristo na sua vinda.

[24] Pentecost, Dwight; Manual de Escatologia; Vida; São Paulo; 1998; pág. 397

Podemos, a título de conclusão, deixar aqui as palavras do referido autor que vimos seguindo, Dwight Pentecost: «Desse modo, a pesquisa histórica revela que a interpretação pré-milenista, unanimemente defendida pela Igreja primitiva, foi suplantada mediante a influência do método de alegorização de Orígenes pelo amilenismo agostiniano, que se tornou o ponto de vista da igreja romana e continuou a dominar até à Reforma protestante, por ocasião da qual o retorno ao método literal de interpretação restaurou a interpretação pré-milenista. Essa interpretação foi desafiada pelo surgimento do pós-milenismo, que começou a tomar forma depois da época de Whitby e continuou presente até seu declínio após a Primeira Guerra Mundial. Esse declínio promoveu a ascensão do amilenismo, que agora compete com o pré-milenismo como método de interpretação da questão quiliástica.»²⁵

[25] Pentecost, Dwight; *Manual de Escatologia*; Vida; São Paulo; 1998; pág. 403